

A retórica e a poética da desconstrução

Vítor Aguiar e Silva
Universidade do Minho
vmaguiaresilva@sapo.pt

Resumo

A modernidade iluminista e romântica abalou profundamente o legado multissecular da retórica, considerando-a um ensinamento antigo, pelo que a retórica foi sendo substituída pelo historicismo e pela filologia a partir do séc. XIX. Porém, a condenação generalizada da retórica conhece relevantes exceções, nomeadamente nas articulações procuradas pela poética romântica entre a retórica, a poesia e a filosofia. Gradualmente, a importância da *retoricidade* na linguagem e na linguagem literária alcançou crescente importância, com as poéticas do Simbolismo, do Modernismo e das Vanguardas. Assiste-se a uma retórica renascida sobretudo em domínios teóricos como a psicanálise, a linguística textual, a linguística cognitiva, a hermenêutica e a teoria literária moderna, em particular com a teoria da desconstrução.

Palavras-chave: desconstrução – poética – romantismo – retórica – retoricidade

Abstract

The modernity of Enlightenment and Romanticism deeply unsettled the centuries-old legacy of rhetoric, labelling it as an ancient teaching. Starting in the 19th century, rhetoric was therefore progressively replaced by historicism and philology. However, there were relevant exceptions to the widespread condemnation of rhetoric, notably in the articulations sought by Romantic poetics between rhetoric, poetry and philosophy. Gradually, the importance of “rhetoricity” in language and in literary language achieved increasing importance, with the poetics of Symbolism, Modernism and the Vanguardas. Today, we are witnessing a reborn rhetoric especially in theoretical areas such as psychoanalysis, textual linguistics, cognitive linguistics, hermeneutics and modern literary theory, in particular in the theory of deconstruction.

Keywords: deconstruction – poetics – Romanticism – rhetoric – rhetoricity

À memória de Carlos Cunha

Ao longo do século XIX, em diversos países da Europa, publicaram-se ainda numerosos manuais de retórica, muitas vezes contemplando também noções de poética, destinados em geral aos alunos do ensino secundário.

No capítulo ricamente documentado com que contribuiu para a *Histoire de la Rhétorique dans l'Europe moderne (1450-1950)*, publicada sob a direcção de Marc Fumaroli, Françoise Douay-Soublin (1999: 1071-1214) organizou uma lista de cem manuais de retórica editados em França de 1802 a 1894 e elaborou outro quadro do qual constam trinta estudos universitários sobre matérias de retórica dadas à estampa no decurso do século XIX. Os elevados números de obras constantes destas listas espelham a magnitude e o prestígio da tradição plurissecular da retórica e o conservadorismo compreensível das instituições escolares, porque as grandes linhas de força da modernidade europeia, quer no domínio do pensamento filosófico e científico, quer no domínio do pensamento poetológico e da criação estético-literária, foram progressivamente desqualificando e condenando a retórica com um saber obsoleto e estéril, prejudicial à clareza e ao rigor da razão, por um lado, e incompatível com a expressão original e autêntica da subjectividade do escritor e do artista em geral, por outra parte.

Como escrevi, há mais de duas décadas, num ensaio intitulado "A vocação da Retórica"¹, "a *modernidade* racionalista e iluminista, que remonta a Galileu e a Descartes e que tem em Kant a sua formulação filosófica mais rigorosa e coerente, e a *modernidade* romântica e pós-romântica, anti-racionalista e anti-iluminista, [...] minaram os alicerces e derruíram as seculares construções da retórica, considerada por ambas as modernidades como expressão e instrumento de um mundo e de um homem irremediavelmente *antigos*." (Aguiar e Silva 1991: 9).

Nas instituições de ensino, desde os Liceus até às Universidades, a retórica foi sendo gradualmente substituída por novas disciplinas criadas e desenvolvidas no âmbito do historicismo romântico e

¹ O título originário do ensaio, publicado no livro *L'Université et la société moderne* (Lanson 1902), é "Les véritables humanités modernes". Lanson, o mestre por antonomásia da história literária em França, desaconselha veementemente que a retórica seja substituída pela história literária no ensino secundário. Leccionado antes da leitura completa ou pelo menos abundante dos textos, "o curso de história literária é uma escola de *psitacismo*".

pós-romântico, em especial pela filologia renovada em Universidades alemãs desde o início do século XIX, pela linguística e pela história literária. Como reconhecia o *Grand Dictionnaire Larousse*, em 1901, no artigo *Rhétorique*, “Aujourd’hui, l’étude de la rhétorique est tombée en désuétude”... Quase na mesma data, Gustave Lanson (1965: 57-60), já “Maître de Conférences” na Sorbonne e personalidade cada vez mais influente na política educativa da III República francesa, publicou o seu célebre texto-manifesto intitulado “Contre la rhétorique et les mauvaises humanités”, advogando em substituição do ensino da retórica – herança dos jesuítas e dos humanistas do Renascimento –, um ensino da literatura que contribuísse para adequar a Universidade e a Escola em geral às solicitações e exigências da sociedade moderna, ou seja, de um mundo que mudava sem cessar².

O tonitruante ataque à retórica lançado por Victor Hugo no prefácio do drama *Cromwell* (1827) – “Guerra à retórica e paz à gramática” –, se teve um efeito demolidor sobre a *rhetorica recepta*, não representou todavia a condenação irrestrita da retórica pelo Romantismo europeu. No famoso fragmento n.º 116 do *Athenaeum*, Friedrich Schlegel escreveu que a poesia romântica é uma poesia universal progressiva, destinada, entre outros fins, a reunir todas as espécies separadas da poesia e a promover o encontro da poesia com a filosofia e com a retórica (Lacoue-Labarthe / Nancy 1978: 343 e 345). Sublinho: *promover o encontro da poesia com a filosofia e com a retórica*. Sob a forma condensada própria da escrita do fragmento, Friedrich Schlegel enuncia uma orientação poetológica que reencontramos em Nietzsche, Derrida e Paul de Man. No fragmento n.º 137 do *Athenaeum*, Friedrich Schlegel referiu-se à existência de uma *retórica material* cuja sublimidade “ultrapassa infinitamente o mau uso sofisticado, o exercício de estilo declamatório, a poesia aplicada, a política improvisada”. Esta *retórica material*, destinada a realizar na prática a filosofia transcendental e a vencer, mediante uma abolição real e não através de uma superação dialéctica, as modalidades degradadas da retórica, revela a energia espiritual que circula na linguagem e que se manifesta de modo especial nos textos poético-filosóficos³.

² Sobre a união ou a conjunção da poesia e da filosofia, veja-se Ernst Behler (1993: 139-140), em *German romantic literary theory*.

³ Sobre o pensamento de Nietzsche neste domínio, veja-se Philippe Lacoue-Labarthe (1971: 53-76). No mesmo número da revista *Poétique*, encontra-se publicado um docu-

Nas *Lições sobre a arte e a literatura*, August Wilhelm Schlegel expõe uma concepção radicalmente tropológica da poesia, afirmando que a visão poética vê nas coisas uma *inexaurível figurabilidade* e que para tornar de novo poética a língua instrumentalizada e depauperada pela lógica e pelos cálculos do raciocínio é indispensável restabelecer a sua figurabilidade, pois que o *impróprio*, o *transposto* e o *tópico* são caracteres essenciais da expressão poética (Lacoue-Labarthe / Nancy 1978: 343 e 345). Ao conceber assim a linguagem poética, A.W. Schlegel reconhece a relevância central da *retoricidade* na poesia, o que não é o mesmo que atribuir à *arte da retórica* uma função central na criação poética. A *figuralidade*, a expressão translata e tropológica não são o efeito e o resultado da aplicação de preceitos da *technē rhētorikē*, mas são recursos, materiais e construções da linguagem poética primordial, os quais depois a retórica descreve, analisa, codifica e prescreve.

Friedrich Nietzsche percorreu um itinerário filosófico-literário semelhante ao traçado por A.W. Schlegel, como revelam numerosos textos seus, muitos deles fragmentos e alguns até simples apontamentos ou anotações de trabalho, que datam dos primeiros anos em que foi professor de Filologia Clássica na Universidade de Basileia. Nietzsche estava consciente de que, nos tempos modernos, a arte da retórica era objecto de justificado “desprezo geral”, mas adverte que não se devia postergar ou excluir qualquer utilização da retórica, embora estivesse fora de questão fazer do ensino da retórica uma profissão. A questão importante para Nietzsche não é a *technē rhētorikē*, mas sim a questão da *retoricidade* como característica primordial de toda a linguagem verbal. Antes da constituição da retórica como *technē*, antes do ensino da arte da retórica, antes da elaboração de manuais de retórica, tinha-se formado e desenvolvido a linguagem verbal no seio da placenta da tropologia. As figuras e os tropos não são artifícios supervenientes ensinados, aconselhados ou prescritos pela retórica, mas elementos primitivos, elementos fundacionais, no tempo e na relevância, da gênese e do desenvolvimento da linguagem verbal. “Não existe absolutamente ‘naturalidade’ não – retórica da linguagem à qual se possa fazer apelo”, escreve Nietzsche. As figuras e os tropos, em especial a metáfora, tecem originariamente

mento de primeira importância: Friedrich Nietzsche, “Rhétorique et langage”. Textes traduits, présentés et annotés par Ph. Lacoue-Labarthe et J.-L. Nancy (1971: 99-142). Sobre o pensamento de Nietzsche acerca desta matéria, veja-se também: David E. Wellbery (1986: 77-104) e John Bender e David E. Wellbery (1990: 3-39).

a urdidura da linguagem, devendo por isso dizer-se que “é figuração tudo o que se chama habitualmente discurso”. Esta concepção radicalmente figurativa e tropológica da linguagem exerceu desde os anos sessenta do século XX e continua a exercer uma influência poderosa nos domínios da filosofia da linguagem, da epistemologia e da hermenêutica, com especial incidência na área da hermenêutica literária⁴ (mas também, por exemplo, nas áreas da hermenêutica teológica e da hermenêutica jurídica).

Se a arte da *rhetorica recepta*, com o seu complicado aparelho terminológico e conceptual, parecia no início do século XX irremediavelmente envelhecida e perdia o lugar de prestígio que durante séculos ocupara no ensino, a importância da *retoricidade* na linguagem em geral e em particular na linguagem literária ganhou crescente irradiação com as poéticas do Simbolismo, do Modernismo e das Vanguardas e avultou sobremaneira em domínios teóricos como a picanálise, a linguística textual, a linguística cognitiva, a hermenêutica e a teoria da desconstrução. Ocorreu ao longo da segunda metade do século XX o fenómeno que David Pujante (2003: 346) denominou “uma espécie de dispersão disciplinar” em que a retórica fecundou muitas outras disciplinas, “embora perdendo em definição própria”. Esta dispersão disciplinar, ou como seja talvez mais justificado dizer, esta “inseminação disciplinar” demonstra que as figuras e os tropos não são restritivamente fenómenos linguísticos e discursivos, muito menos são meios de *verborum exornatio*, mas constituem, como propõe Stefano Arduini (2000: 136-137), universais antropológicos da expressão.

A aproximação disciplinar entre a retórica clássica e a teoria literária moderna, que foi objecto de um iluminador estudo de Antonio López Eire (1997), representa um prolongamento e uma renovação da secular – e algumas vezes confusa – relação da retórica com a poética. Desde o formalismo russo e a poética morfológica germânica até à estilística e ao estruturalismo, à pragmática e à ciência empírica da literatura, encontram-se múltiplas e relevantes articulações da retórica com a teoria literária moderna. Deixarei de lado estes amplos domínios de análise e reflexão, para me circunscrever ao campo da poética da desconstrução.

⁴ Tomás Albaladejo (1989: 20) denomina assim o sistema histórico da retórica, caracterizando-o como “un corpus doctrinal acumulado que, por estar sistemáticamente organizado, admite y conduce a los lugares correspondientes las aportaciones teóricas que se han producido”.

Entendo por poética da desconstrução a teoria literária produzida em numerosos centros universitários norte-americanos, com especial relevo para a Universidade de Yale, desde finais da década de sessenta até ao início da década de noventa do século XX, sob a influência da filosofia da linguagem de Nietzsche, Heidegger e Derrida, prolongando, com modificações importantes, orientações teóricas, metodológicas e hermenêuticas do *new criticism* anglo-norte-americano e configurando a tendência mais relevante, nos estudos literários, do pós-estruturalismo norte-americano. Como autores especialmente representativos da poética da desconstrução menciono Paul de Man, J. Hillis Miller e Geoffrey Hartman, sublinhando porém que nas décadas de setenta e oitenta do século passado numerosos jovens professores e investigadores universitários norte-americanos cultivaram com entusiasmo e muitas vezes com brilho a teoria e a crítica da desconstrução. Um dos opositores mais enérgicos e mais lúcidos da poética da desconstrução, M. H. Abrams (1986: 128) – autor de uma obra capital sobre a poética do Romantismo, *The mirror and the lamp. Romantic theory and critical tradition* (de 1953) –, reconhecia, num ensaio publicado em 1986, que a desconstrução, depois de ter irradiado da Universidade de Yale, tinha seduzido e conquistado a maior parte dos jovens professores mais brilhantes das Universidades norte-americanas (alguns dos quais, acrescentava Abrams com ironia melancólica, tinham elaborado as suas dissertações sob a sua direcção)⁵.

Como afirmei atrás, a poética da desconstrução é herdeira, com algumas modificações relevantes, do *new criticism*, movimento de teoria e crítica literárias que dominou o mundo académico norte-americano ao longo de quase meio século, desde os finais dos anos trinta até aos anos setenta do século pretérito, e ao qual se ficaram a dever alguns dos ensaios mais influentes e famosos da teoria literária contemporânea (relembro, por exemplo, “A heresia da paráfrase” de Cleanth Brooks e “A falácia intencional” de William K. Wimsatt e de Monroe Beardsley). Ora a retórica, cuja presença na cultura académica anglo-saxónica resistiu perduravelmente aos abalos

⁵ À luz da máxima de J. S. Mill, segundo a qual as opiniões das pessoas brilhantes entre os vinte e os trinta anos de idade são o melhor indicador das tendências intelectuais da próxima era, Abrams admite que “it seems probable that the heritage of deconstruction will be prominent in literary criticism for some time to come”. Este ensaio de M. H. Abrams (1989) foi republicado na sua obra intitulada *Doing things with texts. Essays in criticism and critical theory*.

tanto da modernidade científica e filosófica como da modernidade estética, é um elo muito forte na genealogia do *new criticism*, com especial incidência na técnica da construção do artefacto que o poema é bem como no processo de *close reading*, de leitura acurada, minudente, rigorosa, do texto poético como estrutura orgânica autónoma⁶.

I. A. Richards (1893-1979)⁷, um dos precursores e uma das figuras tutelares do *new criticism*, advogou reiteradamente em diversas obras a necessidade de praticar uma leitura perseverante, sistemática e pormenorizada que possibilite conhecer o modo como as palavras funcionam, se combinam, interagem e produzem significados, tanto numa escala macroscópica, relativa a extensas partes do discurso, como numa escala microscópica, relativa às pequenas unidades do significado textual e às suas interconexões. “Uma nova Retórica”, escreveu Richards em *The philosophy of rhetoric*, encontrará muitos elementos úteis na antiga retórica, a fim de levar a cabo aquela inquirição persistente, ordenada e minuciosa sobre os modos como as palavras do texto interactuam e funcionam. Só assim uma retórica renascida (*revived rhetoric*) poderá elaborar o estudo da correcta compreensão verbal e também o estudo da compreensão incorrecta, equívoca ou errada (*misunderstanding*) dos textos.

Nas suas análises e reflexões sobre a leitura, a compreensão e a interpretação dos textos, Richards sublinhou a relevância da “ambiguidade Sistemática das nossas mais importantes palavras”⁸, ou, como também propõe que se diga, a fim de evitar a conotação intimidante do termo “ambiguidade”, a relevância da fecundidade e da versatilidade semânticas dessas palavras. Na introdução à obra intitulada *Interpretation in teaching*, Richards refere-se às inexauríveis duplicações e duplicidades da linguagem, que requerem do leitor, do professor e do aluno, o conhecimento apurado e a aplicação consequente das três primeiras artes liberais: a gramática, a retórica e a lógica (Berthoff 1991: 86 ss.).

⁶ Sobre as relações da poética da desconstrução com o *new criticism*, encontram-se observações relevantes disseminadas na obra de Jonathan Culler (1983), *On deconstruction. Theory and criticism after structuralism*.

⁷ Entre as obras mais influentes de I.A. Richards devem ser mencionadas as seguintes: *Principles of literary criticism* (Richards 1924); *Practical criticism* (Richards 1929); *The philosophy of rhetoric* (Richards, 1936); *Interpretation in teaching* (Richards 1938); *How to read a page* (Richards 1942).

⁸ Cito do volume intitulado *Richards on rhetoric. Selected essays (1929-1974)*, edited by Ann E. Berthoff (1991: 111).

A problemática da *ambiguidade*, da plurissignificação da linguagem e dos textos verbais, foi objecto do estudo de um discípulo de Richards, William Empson (1906-1984), que em 1930 publicou, com apenas 24 anos de idade, uma obra de admirável inteligência analítica intitulada *Seven types of ambiguity*, destinada a grande fortuna nos processos de *close reading* do *new criticism*. A ambiguidade, a ironia, o paradoxo, a tensão semântica são elementos nucleares da constituição do organismo do poema, cuja compreensão e cuja interpretação requerem indispensavelmente a análise retórica.

A poética da desconstrução, se bem que formule diversas restrições e reservas às poéticas formalistas anteriores, aceita um princípio fundamental de todo o formalismo: a definição da literatura em função da especificidade do uso que os textos literários fazem da linguagem verbal. Ao adoptar esta perspectiva, a poética da desconstrução distancia-se inequivocamente das orientações neopragmatistas que recusam o conceito formalista de literariedade, que relativizam, muitas vezes radicalmente, o conceito de literatura e que põem em causa a fundamentação da teoria da literatura. Aquela especificidade, porém, não se situa ao nível da gramática, embora a gramática, como sublinha Paul de Man (1979: 268), que invoca a este respeito a autoridade de Mallarmé, seja indispensável à estrutura, ao funcionamento e à inteligibilidade do texto literário⁹. Essa especificidade situa-se ao nível da retórica, cujas relações com a gramática e com a lógica se caracterizam pela ambiguidade, pela tensão, pelo conflito e mesmo pela subversão de ordem semântica e pragmática. Retomando e aprofundando hipóteses e teses de Vico, de Herder, de Nietzsche, de Heidegger e de Derrida – sobretudo de Nietzsche –, os teorizadores e críticos da desconstrução defendem que as figuras e os tropos não são elementos adventícios ou complementares da linguagem verbal, constituindo antes a sua primigénia e verdadeira natureza.

No princípio era a *metaphorá*, a *translatio*, e por conseguinte as figuras e os tropos não são efeitos derivados ou secundários do uso literal ou referencial da linguagem. Ora a figuralidade, que constitui a raiz mesma da linguagem, mina a referencialidade e a estabilidade dos signos linguísticos, através de um jogo intérmino de diferenças, de *différences*, de substituições e deslocamentos, que torna oscilante a

⁹ Veja-se em particular o ensaio de Paul de Man, “The dead-end of formalist criticism”, coligido no volume *Blindness and insight. Essays in the rhetoric of contemporary criticism* (de Man 1983²). Paul de Man critica em especial o positivismo de I. A. Richards.

noção de verdade e dissemina os significados numa incessante *mise en abyme*. O discurso literário é a manifestação mais autêntica, mais densa e mais complexa – e por isso mesmo mais abismal – dessa estrutura paradigmática da linguagem. Num dos seus ensaios marcadamente teóricos, intitulado “Semiology and rhetoric”, Paul de Man (1979: 10) escreveu: “[...] eu não hesitaria em identificar a potencialidade retórica e figural da linguagem com a própria literatura”. Se a retoricidade constitui assim o fundamento e a manifestação primordial da especificidade do texto literário, a prática crítica deve ser correlativamente uma crítica retórica, uma investigação da epistemologia da retoricidade, uma crítica que desvela os segredos, as astúcias e as armadilhas da figuralidade. A retórica, na sua tensão manifesta ou latente com a gramática e com a lógica, solicita ou exige uma hermenêutica apropriada, susceptível de analisar a ambiguidade e a indeterminação semântica que a decodificação gramatical não tem capacidade de dilucidar.

O aparelho conceptual e terminológico da retórica desempenha por consequência uma função capital na poética, na crítica na hermenêutica da desconstrução. Os ensaios, os artigos e os livros dos desconstrutivistas encontram-se saturados de termos como metáfora, metonímia, alegoria, sinédoque, quiasmo, anacoluto, metalepse, parábase... Aparentemente, existe um paradoxo nesta recuperação da retórica clássica por parte de um movimento de teoria e de crítica literárias que apresenta relações tão profundas com a poética do Romantismo alemão e do Romantismo inglês (penso que é importante sublinhar esta genealogia do formalismo da desconstrução em relação ao formalismo do *new criticism*, o qual, pela mediação de T.E. Hulme e de T.S. Eliot, decorre da tradição poetológica do Classicismo, embora não se deva esquecer o papel relevante de Coleridge na poética do *new criticism*). Contudo, o paradoxo é tão-só aparente, porque os termos retóricos do discurso da desconstrução nunca são etiquetas taxinómicas de ornamentos da *elocutio*, mas denominações de actos criadores do espírito, manifestações de *energeia* ao nível da *elocutio*, mas sobretudo ao nível da *inventio* e da *dispositio*, e até, numa perspectiva mais ampla, denominações de mecanismos de interacção das estruturas textuais com o mundo empírico, histórico e social.

Na sua obra intitulada *The ethics of reading*, J. Hillis Miller (1986: 7) escreveu que “nothing is more urgently needed these days in humanist study than the incorporation of the rhetorical study of

literature into the study of the historical, social, and ideological dimension of literature”. Estas afirmações de Hillis Miller devem ser aproximadas de um passo muito importante da entrevista que Paul de Man concedeu a Stefano Rossi pouco tempo antes de falecer. Interrogado sobre os “misteriosos” capítulos sobre Marx que constariam de um livro que estava a escrever e sobre a recorrência dos termos “ideologia” e “política” nos seus mais recentes ensaios, de Man (1986: 121) respondeu: “Não penso que alguma vez tenha estado distante desses problemas, eles foram sempre dominantes no meu espírito. Defendi sempre que apenas se podiam abordar os problemas da política na base de uma análise crítico-linguística.[...] Sinto que [agora] consegui algum controlo sobre problemas técnicos da linguagem, especificamente problemas de retórica, da relação entre tropos e performativos, da saturação tropológica como um campo que, em certas formas de linguagem, transcende esse campo”¹⁰.

Estas palavras de Paul de Man revelam que, na teoria da desconstrução, a retórica não tinha como destino irremissível quedar refém na “prisão da linguagem”. Com efeito, como já escrevi (Aguiar e Silva 2005: 948), “[e]l rigor y la ética de la lectura desconstruccionista no son un ejercicio esteticista o puritano estérilmente realizado en la “prisión del lenguaje”. Las articulaciones de la desconstrucción con la crítica marxista y la crítica feminista constituyen un testimonio muy fuerte sobre las potencialidades de la teoría y de las estrategias hermenéuticas de la desconstrucción. La opresión, la violencia y la injusticia se imponen, se justifican y perduran a través de los discursos, de los tropos, de los mecanismos retóricos que sus propias víctimas acaban por interiorizar...”.

Braga, Abril de 2015

¹⁰ Cf. Paul de Man (1986: 14-15), *The resistance to theory*. Paul de Man acentua reiteradamente o conflito disjuntivo que se desenvolve nos textos literários entre a gramática e a retórica. J. Hillis Miller (1991: 188), outra figura cimeira da poética da desconstrução, adota uma posição menos extremada, advogando uma leitura que preste idêntica atenção à gramática e à retórica: “All good reading is therefore the Reading of tropes at the same time as it is the construing of syntactical and grammatical patterns. Any act of reading must practice the two forms of interpretation together”.

Bibliografia

- Abrams (1971): *The mirror and the lamp. Romantic theory and critical tradition*, Oxford, Oxford University Press [1953].
- Abrams (1986): M. H. Abrams, "Construing and deconstructing", in Morris Eaves e Michael Fischer (eds.), *Romanticism and contemporary criticism*, Ithaca-London, Cornell University Press.
- Abrams (1989): M.H. Abrams, *Doing things with texts. Essays in criticism and critical theory*, New York-London, Norton.
- Aguiar e Silva (1991): Vítor Manuel Aguiar e Silva, "A vocação da retórica", *Dedalus*, 1 (1991), pp. 7-16.
- Aguiar e Silva (2005): Vítor Manuel Aguiar e Silva, "La teoría de la deconstrucción, la hermenéutica literaria y la ética de la lectura", in J. M. Cuesta Abad e J. Jiménez Heffernan (eds.), *Teorías literarias del siglo XX*, Madrid, Ediciones Akal.
- Albaladejo (1989): Tomás Albaladejo, *Retórica*, Madrid, Editorial Síntesis.
- Arduini (2000): Stefano Arduini, *Prolegómenos a una teoría general de las figuras*, Murcia, Universidad de Murcia.
- Behler (1993), Ernst Behler, *German romantic literary theory*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Bender / Wellbery (1990): John Bender / David E. Wellbery (eds.) (1990), *The ends of rhetoric. History, theory, practice*, Stanford, Stanford University Press.
- Berthoff (1991): Ann E. Berthoff (ed.), *Richards on rhetoric. Selected essays (1929-1974)*, New York-London, Oxford University Press.
- Culler (1983): Jonathan Culler, *On deconstruction. Theory and criticism after structuralism*, London, Routledge & Kegan Paul.
- de Man (1979): Paul de Man, *Allegories of Reading*, New Haven-London, Yale University Press.
- de Man (1983²): Paul de Man, *Blindness and insight. Essays in the rhetoric of contemporary criticism*, London, Methuen.
- de Man (1986): Paul de Man, *The resistance to theory*, Manchester, Manchester University Press.
- Douay-Soublin (1999): Françoise Douay-Soublin, "La rhétorique en France au XIX^{ème} siècle à travers ses pratiques et ses institutions:

- restauration, renaissance, remise en cause”, in M. Fumaroli (dir.), *Histoire de la Rhétorique dans l’Europe moderne (1450-1950)*, Paris, PUF.
- Lacoue-Labarthe (1971), Philippe Lacoue-Labarthe, “Le détour”, *Poétique*, 5, pp. 53-76.
- Lacoue-Labarthe / Nancy (1978): Philippe Lacoue-Labarthe / Jean-Luc Nancy, *L’Absolu littéraire: Théorie de la littérature du romantisme allemand*, Paris, Éditions du Seuil.
- Lanson (1902): Gustave Lanson, *L’Université et la société moderne*, Paris, Armand Colin.
- Lanson (1965): Gustave Lanson, “Contre la rhétorique et les mauvaises humanités”, *Essais de méthode, de critique et d’histoire littéraire*. Rassemblés et présentés par Henri Peyre, Paris, Librairie Hachette.
- López Eire (1997): Antonio López Eire, *Retórica clásica y teoría literaria moderna*, Madrid, Arco/Libros.
- Miller (1986): Joseph Hillis Miller, *The ethics of reading*, New York, Columbia University Press.
- Miller (1991): Joseph Hillis Miller, *Theory now and then*, New York-London, Harvester Wheatsheaf.
- Pujante (2003): David Pujante, *Manual de retórica*, Madrid, Editorial Castalia.
- Richards (1924): Ivor Armstrong Richards, *Principles of literary criticism*, London, Kegan Paul.
- Richards (1929): Ivor Armstrong Richards, *Practical criticism*, London, Kegan Paul.
- Richards (1936): Ivor Armstrong Richards, *The philosophy of rhetoric*, New York, Oxford University Press.
- Richards (1938): Ivor Armstrong Richards, *Interpretation in teaching*, New York, Harcourt, Brace.
- Richards (1942): Ivor Armstrong Richards, *How to read a page*, New York, Norton.
- Wellbery (1986): David E. Wellbery (1986), “Nietzsche – Art – Postmodernism”, *Stanford italian review*, 6, pp. 77-104.
- Zokner (1971): Cecília Teixeira de Oliveira Zokner, “Contribuição para um estudo estilístico de Fialho de Almeida”, *Revista Letras*, 19, 1971, pp. 117-121.